

JESUS NÃO QUER QUE VOCÊ ORE...



Eu sei, não tem mais surpresa. Você já sabe que a frase completa é: “Jesus não quer que você ore **ASSIM**”. Na verdade, estou usando este título novamente porque vou dar continuidade ao assunto aqui. Há duas semanas atrás, escrevi uma pastoral em que abordei as duas formas de oração que Deus reprova. Para quem não lembra delas, vai aqui um breve retrospecto. A primeira forma de oração que Jesus não aceita é a hipócrita (Mt 6.5), aquela oração que é praticada apenas para autopromoção de quem ora. A segunda forma, é a oração no estilo pagão (Mt 6.7), que se apoia no excesso de palavras ou no uso de certas sentenças padrão como fórmula de chamar a atenção de Deus e causar nele a resposta que se pretende.

Pois bem, a sequência do texto indica que há mais ensino do Senhor Jesus sobre oração. Contudo, diferentemente do trecho anterior, ele agora vai expor sua orientação usando uma oração propriamente dita. Cristo, é claro, não tem nenhuma intenção de fornecer um modelo a ser decorado e repetido impessoalmente nem gerar a conclusão de que as palavras (em si) usadas no corpo da oração têm algum poder mágico de abrir e fechar a mão de Deus. Jesus já havia ensinado que essa postura não deve ser reproduzida pelos seus, de modo que, seu propósito aqui é outro, a saber, orientar a relação do “orador” com Deus, apontando para aqueles pedidos que a oração deve priorizar.

A oração apresentada pelo Senhor, pode ser dividida em duas partes: uma que atenta para os pedidos relacionados a Deus (Mt 6.9,10); e, a outra, que lida com os pedidos relacionados a nós e ao próximo (Mt 6.11-13). Quero me concentrar na primeira frase da oração: “Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome” (v.9).

Logo de cara, fica evidente que a oração é um exercício relacional. Em outras palavras, é um meio estabelecido por Deus para alimentarmos nosso relacionamento com ele. E como deve ser esse relacionamento? Em primeiro lugar deve ser

um relacionamento caracterizado pela intimidade. A expressão “Pai nosso” indica isso. Entretanto, é possível que para alguns a referência paternal não ofereça boas recordações, nem seja o protótipo de abertura para a intimidade. Contudo, nossas referências terrenas e biológicas não se comparam àquele que enviou o seu único Filho para que, crendo nele, pudéssemos ter livre acesso a este maravilhoso relacionamento. Agora, a intimidade que Deus quer que desenvolvamos com ele não deve gerar a compreensão equivocada de que estamos em pé de igualdade com o Senhor. Temos de lembrar: o “Pai nosso” está no céu. Em outras palavras, Deus é o altíssimo, o que ocupa o trono do universo, o Criador de todas as coisas, o Soberano que tem em suas mãos a administração de todo o cosmos. Portanto, nossa intimidade com Deus deve ser revestida da mais alta consideração e da máxima reverência a ele. A oração, portanto, é introduzida com uma íntima adoração.

Infelizmente, em nossos dias, confunde-se adoração com um momento e ambiente reservados para o homem extravasar suas emoções e se sentir bem, ou seja, para ele ocupar o centro das atenções. Daí, a grande necessidade e relevância de clamarmos: santificado seja o TEU NOME. É um pedido no sentido de que o caráter, a pessoa, a natureza de Deus ocupem seu devido lugar. Num tempo em que igrejeiros brigam de forma piedosamente disfarçada pelo lugar de destaque, temos de pedir: “Senhor, que o TEU NOME, e nenhum outro, tenha destaque; que a minha vida sempre aponte para a tua grandeza e singularidade; que ela sempre seja uma placa que indique para onde nossas mais profundas afeições e atenção devem ser canalizadas – somente para ti.

É assim que Jesus quer que eu e você oremos. Mas, não para por aí. Há outros pedidos em relação a Deus que somos estimulados a fazer. Em minha próxima pastoral, tratarei deles. Até lá.

Pr. Abner Fortes